

UMA APRESENTAÇÃO DAS VIRTUDES NAS OBRAS *O BREVILÓQUIO*, DE BOAVENTURA, *CUR DEUS HOMO*, DE ANSELMO E *SOBRE O DESPRENDIMENTO*, DE ECKHART

*Antonio Carlos Lucio**

Resumo: Este trabalho surgiu a partir de uma dúvida que me apareceu nas aulas da disciplina “As virtudes na Filosofia Medieval (2011/1)”, que foram ministradas pelo Prof. Dr. Manoel Vasconcellos, onde a dúvida se deve quando surgiram os temas sobre as virtudes e o homem virtuoso nas obras de Santo Anselmo o “Cur Deus Homo” e de Boaventura o “Brevilóquio”, porque nessas obras tanto Anselmo como Boaventura não falam especificamente das virtudes, mas mostram como o homem deve ter uma vida reta e santa para se reentregar a Deus, mas de quais virtudes e qual a relação dessas com o homem, de que esses autores estão se referindo. Foi à pergunta que surgiu. De modo que para mim, através das aulas e dos seminários que nestas foram feitas, com a leitura das obras que foram estudadas de algum modo foi respondido a dúvida que surgiu, e por fim me pareceu conveniente trazer para esse diálogo outro autor que é Mestre Eckhart, autor que trabalho no mestrado e por este também tratar das virtudes em sua obra o “Desprendimento”. E assim resolvi relacioná-lo, a partir do tema proposto, com Anselmo e Boaventura.

Palavras-chave: virtudes, homem, Deus, desprendimento.

1 - Considerações iniciais

Analisando as obras de Boaventura o “Brevilóquio” e de Santo Anselmo “Cur Deus Homo” precisaremos estabelecer nessas onde se encontra as virtudes ou o “Homem Virtuoso”, pois nestas não se fala especificamente em virtudes, mas aqui apresentaremos algumas partes dessas obras nas quais as virtudes tem um destaque essencial na relação do homem com Deus. Sendo assim, sobre Boaventura nos remeteremos a parte IV de sua obra que fala

* Discente do Programa de Pós-Graduação da UFPel, bolsista da CAPES, e-mail: antonioaloslucio39@gmail.com

sobre a encarnação do verbo, mais especificamente os capítulos VI, VII, VIII, IX e X, onde faremos um comentário geral sobre estes e depois destacaremos virtudes que nestes surgiram. Já sobre Santo Anselmo destacaremos os capítulos IX, X e XI, do livro I, que nos quais surge uma virtude no capítulo IX, e no X e XI de como o homem deve agir de acordo com essa virtude, que é a virtude da justiça.

Por fim será feita uma relação, a partir dessas obras de Boaventura e Santo Anselmo, com obra sobre o “Desprendimento” de Mestre Eckhart, onde este também trata das virtudes, de modo que essa relação será feita para determinar como cada um desses autores estabelece o que são virtudes em um homem e de qual a importância dessas para este homem, deste modo começaremos, a partir de agora, a destacar primeiro Boaventura, em segundo Santo Anselmo e por fim Mestre Eckhart.

2 - Boaventura

Na parte IV do Brevilóquio, Boaventura trata da encarnação do verbo, aqui, especificamente falaremos dos capítulos VI, VII, VIII, IX e X desta parte IV, onde ao nosso ver se faz necessário primeiro fazer uma análise desses e só depois disto falar das virtudes que neles se apresentam, deste modo, passamos a análise destes:

Capítulo VI – A identidade da sabedoria na inteligência

Boaventura começa dizendo que o verbo encarnado é Cristo, e neste verbo encontrou-se toda sabedoria e inteligência, aqui já remetendo-se as escrituras sagradas (Cl 2,3) sendo que este “Deus Homem” possui todo conhecimento do mundo e de como conhecer este mundo, tratando dos

modos de conhecer que são diferentes, pois em Cristo se teve a divindade – o conhecimento eterno – e o conhecimento dos sentidos e da carne – o conhecimento sensível, e pela mente e o espírito – o conhecimento abstrato. Assim se teve três tipos de conhecimento por parte da natureza (sensível), pela graça (abstrato) e pela glória (eterno), mas os modos (como se dá o conhecimento) de conhecer em Cristo foram cinco; (onde os três tipos de conhecimento estão nesses modos de conhecer).

A partir desses conhecimentos, e dos modos de conhecer Cristo trazia em si a perfeição de Deus e conhecia as imperfeições do Homem, sem os possuí-los, deste modo segundo Boaventura, Cristo deveria ser:

Por isso, assim como Cristo deveria ser imune de toda culpa, assim também devia permanecer distante de toda a ignorância e, desse modo, ser totalmente repleto de luz e do julgar da ciência suprema. Por isso Cristo teve conhecimento perfeito segundo ambas naturezas, segundo a potência de conhecer e segundo todas as formas de existir das coisas (1998, p. 173).

Assim, porque é necessário que Cristo possuísse um triplo conhecimento? Isto foi necessário porque as coisas existem na ciência eterna, na mente Humana e na sua própria realidade, sendo que na ciência eterna podem ser conhecidos de dois modos, pelo artífice ou por quem a contempla, excluindo-se o conhecimento que se adquire, pois este não é atribuído a Cristo, sendo o hábito inato ou infuso os dois modos que se conhecem e existem as coisas na mente humana, por causa disto é que em Cristo encontra-se a perfeita plenitude da sabedoria, logo pelo hábito natural e inato, na mente de Cristo, a ciência eterna devido à natureza da divindade e a glória da compreensão conhecem as coisas, como, por exemplo, Adão e os Anjos conheceram.

Capítulo VII – A perfeição do mérito na operação de Cristo

Neste capítulo Boaventura trata de como Cristo, através da plenitude da graça do Espírito Santo, que havia nele, demonstrou aos Homens a origem de uma vida reta e santa. Essa plenitude deve ser demonstrada de todos os modos que existissem, pois em Cristo essa plenitude se deu na união com o próprio Deus para que tivesse o conhecimento e o livre-arbítrio – logo em Cristo foi necessária a perfeição do mérito, pois em Deus, devido sua dignidade suprema, está à perfeição que foi passada para seu filho – que também a demonstrou. Como para Deus e em Deus estão todos os merecimentos, em Cristo estes estão presentes, por ele ser a representação (o filho) de Deus na Terra – que veio para salvar a Humanidade. Deste jeito Boaventura fala de três maneiras que pode haver merecimento: “(...) convertendo uma coisa indevida em devida, ou tornando a devida ainda mais devida, ou fazendo com que aquilo que é devido de um modo seja devido de outro modo” (1997, p. 175).

Sendo que de todos esses modos, no sétimo modo que Boaventura expõe neste capítulo, Cristo fez os Homens também merecedores, salvando-os, mas somente pelo terceiro modo (fazendo com que aquilo que é devido de um modo seja devido do outro) mereceu para si mesmo, pois Cristo era ao mesmo tempo bem-aventurado e capaz de todo conhecimento – devido a plenitude da graça do Espírito Santo, e por se fazer Homem os nossos conhecimentos podiam fundar-se com os de Cristo.

Ainda nesse capítulo surge um tema de grande importância, que é, de que quais são e onde aparecem as virtudes quando falamos em encarnação do verbo, como elas se apresentam em Cristo (o Deus-Homem) sendo que aqui Boaventura fala na plenitude da graça que está presente em Cristo, por este

possuir a natureza divina, de modo que ele possui todas as virtudes¹ no seu maior grau de perfeição, como por exemplo, a caridade que em Cristo é inabalável, sendo esta a raiz de todos os atos virtuosos e de todas as virtudes, logo em Cristo está todo mérito, nas suas ações, nas suas obras porque ele mereceu, por ser também, Deus.

Capítulo VIII – A paixão de Cristo quanto ao estado de quem padeceu

Neste Boaventura traz três considerações de como foi à ação de Cristo para que o Homem seguisse o caminho da divindade, redimindo-se de seu pecado, por isso Cristo, como Homem, passou por três momentos: o estado do paciente, o modo de padecer e os efeitos da paixão.

Assim, Cristo teve que reconciliar-se com Deus, tanto na sua natureza como nas propriedades correspondentes a ela, logo era preciso que ele possuísse a mortalidade transitória, como a imortalidade permanente, sendo justo na sua ação para que conduzisse o Homem da miséria à vida bem-aventurada, sendo que neste instante se tem em Cristo a virtude da justiça. Porque Deus é justo e Cristo como seu filho tinha em comum com ele a justiça e a bem-aventurança, e só assim Cristo seria o mediador entre Deus e o Homem, tendo às qualidades de Deus e os defeitos do Homem a imortalidade e a mortalidade, a inocência e a isenção do pecado e a natureza decaída e a mortalidade.

Deste modo, segundo Boaventura, Cristo quis passar por todos os sofrimentos, mas não contra sua vontade racional, Ele quis por vontade própria, para que o Homem fosse salvo, pois só Cristo tinha em si a força para passar por estes sofrimentos por estar unido à divindade (Deus), já o Homem

¹ Segundo Merino as virtudes em Boaventura se reduzem a três grupos: virtudes morais, virtudes intelectuais e virtudes de justiça (1983, p. 97-98).

não possuía essa condição, devido ao seu pecado. Desta maneira Cristo agiu de acordo com a justiça de Deus, pois essa foi a sua vontade que era a mesma de Deus e não poderia ser contrária a Deus, por ele ser a expressão deste.

Capítulo IX – A paixão de Cristo quanto ao modo de padecer

Para Boaventura Cristo padeceu (passou voluntariamente por sofrimento) pelos seguintes modos ao que se refere à paixão de Cristo, que foram quatro tipos de sofrimentos: generalíssima, acerbíssima, ignominiosa e mortal.

Por isso Cristo foi Deus e Homem ao mesmo tempo para combater a corrupção que atingiu o corpo em todas suas partes e a alma em todas suas potencias. De modo que seu corpo, enquanto natureza humana padeceu em todas suas partes devido a sua união com as coisas inferiores, e sua natureza a divina gozava de uma bem-aventurança através da parte superior de sua razão que tinha uma união com Deus de modo que com a morte de Cristo se teve a divisão entre alma e o corpo, mas essa divisão se salvou na unidade da pessoa e na unidade do corpo e da alma com a divindade.

Capítulo X – A paixão de Cristo quanto aos efeitos

Depois de Cristo ter passado pelos padecimentos, pelos méritos de sua paixão e pelos conhecimentos devidos, sua ação que retomou a dignidade, a pureza do Homem perante Deus, ele obteve os frutos de sua paixão, ou seja, devido à ação do Deus-Homem e por este o Homem foi absolvido e segundo Boaventura isso se explica da seguinte maneira:

(...) Assim como Cristo, enquanto verbo iniciado, formou de modo perfeitíssimo todas as coisas. Assim, enquanto verbo encarnado, devia reformar de modo

perfeitíssimo a todas elas. Não convém ao princípio perfeito abandonar a obra, antes de chegar a perfeição, e por isso o princípio reparador conduziu o remédio da redenção humana até a conclusão perfeita (1999, p. 183).

Depois desta trajetória Cristo voltou para o pai (após quarenta dias, subiu ao céu), para ser exaltado acima de todas as criaturas, e depois de algum tempo (dez dias) enviou aos seus apóstolos o Espírito do Santo, o amor de Deus, para que seguissem a missão de congregar entre os povos a igreja e ordená-la, organizá-la devido aos seus ofícios e a graça recebida.

Deste modo Cristo recebeu de Deus as qualidades através do Espírito do Santo, em todas suas partes do corpo e da alma, sendo que Cristo (o Deus-Homem) teve em seu ser todos os dons. E o Homem devia seguir o exemplo de Cristo, por este ser a salvação, pois como Homem, Cristo demonstrou o caminho, de como o Homem pode reconciliar-se com Deus, basta ao Homem unir-se a Cristo pelas virtudes teologais (fé, esperança e caridade).

2.1 - Então onde estão às virtudes e quais são estas, nesta parte da obra de Boaventura, que trata da encarnação do verbo?

Apresentam-se na parte IV do Brevilóquio, que trata da encarnação do verbo, as virtudes da justiça², da caridade³ e as teologais⁴ (fé, esperança, caridade).

Sendo que nestes capítulos a partir dos tipos de conhecimento (três) e dos modos de conhecer (cinco), verificam-se em Cristo duas naturezas que estão presentes, a divina e a humana, e o homem tem em Cristo o caminho de retorno, de reconciliação com Deus e para isso como a de Cristo, que em sua vida se demonstrou virtudes, como a da justiça nos Capítulos VII e VIII e a

² Boaventura, 1998, p. 178-179.

³ Idem, ibidem, p. 176.

⁴ Idem, ibidem, p. 184.

caridade no Capítulo VII (caridade que segundo Boaventura é base para todas as virtudes).

2.2 – Santo Anselmo

Neste, trataremos dos Capítulos IX, X e XI, do livro I, onde no IX surge a vontade da justiça e nos Capítulos X e XI de como o Homem deve agir conforme essa virtude.

Capítulo IX – Que Ele morreu espontaneamente e o que significa: “Ele foi obediente até a morte”; “Eu não vim fazer a minha própria vontade”; “Ele não poupou seu próprio filho” e “não como eu quero, mas como tu queres”

Este capítulo traz um dos principais conceitos de Anselmo que é o de verdade, pois Cristo mesmo quando perseguido observou a verdade de maneira reta e justa, tanto em sua vida como nas suas palavras. E, segundo Anselmo, isso é que Deus exigiria de um ser racional, a obediência a Deus, pois esta é que o Homem deixa ao pai, por ter pecado e disto não se tem dúvida alguma. E Deus exigia a humanidade e divindade por parte do Homem e o Cristo por se fazer Homem obedeceu ao pai, passou por todos os martírios e sofrimentos como Homem e pelo Homem, para reconduzi-lo ao divino (a Deus) por isso, por exemplo, Cristo sofreu com a morte, para manter a obediência e a justiça com Deus, pois estas ele não podia deixar de lado mesmo que tivesse que morrer, como assim foi.

Por isso ele, como Homem, morreu por não afastar-se da verdade e sim pela mais pura obediência ao pai e desse modo pela morte, devendo seguir a obediência, foi exaltado pelo pai, segundo afirmação de Anselmo:

Pois muito menos inconveniente é a passagem que diz que Cristo foi exaltado por sofrer a morte, pois ele determinou receber esta exaltação por ela e depois dela. Essa também pode ser interpretada no mesmo sentido que se diz que o senhor crescia em sabedoria e graça diante de Deus, não porque fosse assim, mas porque se apresentava como se assim fosse. Desse modo ele foi exaltado depois da morte, como se tivesse sido por causa dela (2003, p. 39).

Portanto Cristo morreu para obedecer à vontade de Deus, para estabelecer a justiça, de modo que não era racional que o Homem fosse salvo, mas este por si só não podia ser salvo, por isso foi preciso um Homem-Deus (Cristo), e em Deus se tem a mais alta sabedoria que Anselmo demonstra racionalmente⁵, por isso a racionalidade da encarnação do verbo.

Capítulo X – Sobre os mesmos tópicos; e como, de outra maneira, eles podem ser corretamente explanados.

Neste, Anselmo continua com o tema sobre a obediência de Cristo, para confirmar que sua vontade de viver retamente vem do pai e pelo pai quis que assim fosse para que o Homem fosse reconduzido para o caminho da divindade. Anselmo quer reafirmar seu método racional demonstrando que foi preciso que Cristo fosse obediente e seguisse a vontade de Deus seguindo a justiça mesmo que fosse necessário que Cristo passasse por sofrimento até chegar sua própria morte, mas todo esse martírio seria entendido por um ser racional. Assim, Anselmo responde as objeções (dos infieis) de quem achava inconveniente que Deus deixasse seu filho sofrer para salvar a Humanidade, pois segundo esse Deus poderia ter feito de outro jeito, porém Deus nada

⁵ Mojsisch, em seu artigo sobre Anselmo intitulado "Provas de Deus" ao falar das obras de Anselmo o "Monólogo" e o "Proslógio" realça a ideia do método racional em Anselmo, *sola ratione*, que no qual a obra "Cur Deus Homo" é baseada (2005, p. 63-64).

devia, mas sim quem devia era o Homem e este devia pagar por isso Deus através de seu filho (Cristo), se faz Homem para pagar a dívida e para essa ser paga era preciso que o Homem sofresse para reconstituir o que devia a Deus, e isso só Cristo como Homem podia e quis fazer espontaneamente⁶ e o pai aceitou que Cristo passasse por todos os sofrimentos, como assim disse Anselmo: “Pelo contrário, é muito digno do pai permitir a tal filho fazer o que quer para o louvor a Deus e utilidade e salvação do Homem que não poderiam ser alcançados de outro modo” (2003, p. 45).

Capítulo XI – O que é o pecado, e recompensar pelo pecado

Agora, com esse capítulo Anselmo diz que o pecado é a desonra que alguém comete com Deus ao não seguir sua vontade, não seguindo a verdade e a justiça, não tendo em sua vida a retidão da vontade, quem não vende essa honra a Deus, rouba de Deus a sua posse e o desonra, este é o pecado.

Quem comete desonra não faz nenhuma recompensa a Deus devolvendo a ela a honra, pois a moléstia causada deve ser recompensada com algo que agrade a quem foi desonrado (Deus), por isso Anselmo afirma o seguinte:

Nós devemos também observar que quando alguém paga o que injustamente roubou, este deve dar algo que o outro não poderia exigir se não tivesse existido o roubo. Assim, pois, tudo o que peça deve devolver a Deus a honra que lhe roubou, e essa é a satisfação que todo pecador deve dar a Deus (2003, p. 48).

⁶ No trabalho “A Racionalidade da Encarnação” do Professor Vasconcellos este ao comentar a obra “Cur Deus Homo” de Anselmo afirma a ideia de espontaneidade e vontade livre de Cristo ao pensar pelos sofrimentos: quanto aos sofrimentos padecimentos pelo filho de Deus, Anselmo argumenta que foi uma escolha livre, Cristo escolheu, livremente, padecer pela salvação dos homens (2009, p. 5).

Assim a retidão da vontade (ou justiça) está em fazer o que agrade a Deus, e quando se comete um erro (pecado) deve-se consertar o erro fazendo um pagamento que seja agradável a quem foi roubado, e com relação a Deus esta é a maior satisfação que o Homem que pecou pode lhe dar, de modo que esse Homem retoma o caminho da retidão, da vontade, reconciliando-se com Deus. Mas é necessário em si próprio essa vontade, de querer reconciliar-se, pois só assim deixará de ser pecador, este deve ser o caminho, a vida de um Homem segundo Anselmo, e assim Cristo foi, demonstrou, agiu como Homem, para os outros homens como deveria ser.

2.2.1 - Quais são as virtudes que se verificam nestes capítulos da obra de Anselmo “Cur Deus Homo” e qual a relação destas com o Homem?

A justiça é a virtude que se verifica no Capítulo IX do “Cur Deus Homo”.

No capítulo IX Anselmo diz que Cristo observou de um modo retíssimo a verdade e a justiça tanto em sua vida como em suas palavras, de modo que Homem age justamente quando segue a verdade, dando o exemplo de Cristo que mesmo sendo perseguido seguiu em obediência a Deus de maneira reta, ficando claro nesse capítulo que se destaca a virtude da justiça, e o Homem estará agindo de acordo com está se seguir o exemplo de Cristo que como Homem em obediência a Deus como disse Anselmo: “Nenhum Homem tem de si a verdade que ensina e a retidão da vontade, mas somente Deus. Cristo, portanto, não veio fazer sua própria vontade, mas a do Pai, pois sua Santa vontade não derivou de sua humanidade, mas de sua divindade” (2003, p. 40).

Já nos capítulos seguintes (X e XI) Anselmo demonstra como Homem deve fazer, e o que deve fazer para ter uma vida reta, pondo em

prática à justiça, sendo que nestes capítulos o Homem fez essa ação de modo racional, pois está racionalidade está no Homem porque Deus assim concebeu a este, logo este racionalmente deve seguir a verdade e a justiça de maneira espontânea, sendo deste modo o Homem obediente a Deus, como diz Anselmo no capítulo X: “Pois há verdadeira e simples obediência quando a natureza racional, não por força, mas espontaneamente, guarda a vontade recebida de Deus” (2003, p. 44). Portanto, aqui, temos como o Homem deve agir, ou seja, como o Deus-Homem, Cristo seguiu em obediência a Deus, mesmo que sua morte tivesse de acontecer, como assim foi.

Deste modo verificamos a justiça como uma virtude imprescindível, pois a partir desta o Homem segue uma retidão da vontade, tendo uma obediência a Deus seguindo-se a vontade e a justiça que são de origem divina, tendo no Capítulo IX a definição do que é justiça e nos Capítulos X e XI, de que o Homem deve fazer e como deve fazer para que a justiça seja posta em prática.

2.3 – Mestre Eckhart

Na obra sobre o “Desprendimento”⁷ o autor já apresenta o tema sobre as virtudes, diferentemente de Boaventura e Anselmo (nas partes de suas obras aqui trabalhadas), pois para Eckhart o desprendimento é uma virtude que ele relaciona com outras virtudes⁸ como a do: amor⁹, a da humildade¹⁰ e misericórdia¹¹.

⁷ Eckhart. *Sobre o desprendimento e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 1-27.

⁸ Na obra “Sobre o desprendimento e outros textos” a tradução para as virtudes e de amor, humildade e misericórdia (ECKHART, 1983, p. 149-151), notando-se uma confusão na tradução, não nos dando a certeza se a tradução correta do alemão para o português é amor ou caridade, aqui usaremos a tradução, para o português, da virtude denominada de amor.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 4.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 6-8.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 9.

Ao fazer a relação do desprendimento, com essas virtudes, o autor estabelece que este está acima destas, por exemplo, ao falar do amor diz que os mestres tem por este uma elevada estima, porém Eckhart tem mais apreço pelo desprendimento pelo seguinte motivo:

O desprendimento sincero está acima de tudo, já que todas as virtudes de alguma maneira estão voltadas para as criaturas, enquanto o desprendimento está desligado de todas as criaturas. Foi por isso que nosso senhor falou a Marta: “Unum est necessarium”, o que significa: Marta quem quiser evitar aflições e permanecer puro precisa ter uma coisa, isto é, desprendimento (2004, p. 3-4).

Temos aqui a importância do desprendimento para Eckhart. Mas o que é propriamente dito esse desprendimento? Ele é uma parte da mística¹² deste filósofo onde está tem dois momentos, ai se divide em duas partes¹³ que são “A mística do desprendimento” e “A mística da encarnação”. Deste jeito o desprendimento, que é aqui o nosso foco, traz uma nova maneira de como

¹² A definição de mística de Eckhart nós é apresentada por Osmar Schaffer e Agemir Bavaresco em Introduções sobre a obra “O Homem Nobre”: a mística é a experiência da unidade que passa pela dialética da oposição entre eu-uno, eu-outros, eu-mundo. A dialética é o diálogo em que há o momento do desprendimento – a negação – e a encarnação – a afirmação – da unidade de tudo no uno. Aqui ocorre a “coincidência dos apostos” (SCHAFFER; BAVARESCO. In: ECKHART, 2004, p. 11). Leonardo Boff, na Introdução da obra “Mestre Eckhart – A mística de ser e não ter” tem a seguinte definição sobre o que é mística: na mística, portanto, existe a experiência da unidade seja emergindo em Deus seja imergindo no mundo, sempre contudo no transfundo da dualidade. Como expressos a unidade na diferença e a diferença na unidade? Como viver Deus no mundo e o mundo em Deus? A dialética é o instrumento que a linguagem utiliza para expressar a unidade na diversidade e a diversidade na unidade. A dialética consiste naquela forma de articulação do pensamento mediante a qual cada coisa aparece imbricada na outra. Para o pensamento dialético nada há de absolutamente disjuntivo. Tudo é colocado num movimento conjuntivo, num processo copulativo, e numa marcha coincidencial... Em função disto, a linguagem mística se reveste de paradoxos: Deus é tudo é nada. O mundo é infinito e o mundo é finito (BOFFI. In: ECKHART, 1983, p. 17-18). Outra definição importante é a de Emmanuel Carneiro Leão na apresentação da obra “Mestre Eckhart – Sermões Alemães, vol. II”: A mística é, pois, a negação da negação – sem estardalhaço até mesmo no estardalhaço -, mas na serenidade tranqüila de deixar ser o ser que se dá no sendo que se é. Deixando ser, a serenidade se torna disponível, e nessa disponibilidade, encontra-se com o mundo, com Deus, com o Homem, justamente naquilo que eles mesmos são em si, para si e por si mesmos. Segundo Mestre Eckhart, na mística penetramos onde já sempre estamos, nos arcanos-ônticos, antológicos e místicos da serenidade, vivendo, como “a nossa, sem porquê (CARNEIRO LEÃO. In: ECKHART, 2008, p. 13).

¹³ Essa divisão esta feita por Schaffer e Bavaresco na introdução da obra: “O Homem Nobre” (SCHAFFER, BOVARESCO. In: ECKHART, 2004, p. 11).

deve agir o Homem, tendo em sua ação um constante desligar-se em si, tanto no que se refere ao interior afastando-se dos maus pensamentos, como no que se refere ao exterior que são os bens materiais, pois tanto esse interior e esse exterior afastaram o Homem de Deus, por isso com o desprendimento o Homem se aproxima de Deus, por que Deus esta dentro do desprendimento como diz Eckhart: “Mas o desprendimento fica tão próximo do nada que nenhuma coisa é suficientemente sutil para poder manter-se dentro do desprendimento, a não ser Deus” (2004, p. 5).

Logo o desprendimento deve estar sempre do nosso lado, em nossas ações no decorrer de nossas vidas, por isso para Eckhart o desprendimento tem status de uma virtude na qual as outras virtudes nele se encontram e sem ele não é possível de encontrar nenhuma outra virtude no Homem¹⁴.

2.3.1 - Quais as virtudes que se verificam na obra de Eckhart: “Sobre o desprendimento” e qual a relação destas com o Homem?

Nas virtudes em Eckhart temos uma diferença que estabelecemos neste trabalho, pois em Boaventura e Anselmo trabalhamos com obras que não tratam especificamente das virtudes, mas procuramos estabelecer onde estas se encontravam em partes específicas das obras desses autores, onde em Boaventura estudamos os Capítulos VI, VII, VIII, IX e X da parte IV da obra o “Brevilóquio”, e em Anselmo os Capítulos IX, X e XI, do livro I, da obra “Cur Deus Homo”, já em Eckhart as virtudes são estudadas de maneira relevante em sua obra “Sobre o desprendimento”, pois ele faz uma

¹⁴ Na introdução da obra “Sobre o desprendimento e outros textos” Jarczyk e Labarrière falam da importância de um Homem ser desprendido, pois só assim as virtudes do Amor, Humildade e Misericórdia nele se encontraram: “Em suma, o ser desprendido exerce de maneira eminente, numa espécie de conaturalidade que abarca tudo, o Amor, a Humildade e a Misericórdia; ele os alcança efetivamente/eficazmente em seu fundo, no que faz a densidade deles: desprendido, ele é capaz de amar, é humilde e misericordioso, na medida em que o desprendimento implica essas próprias virtudes como sua matriz e sua unidade (JARCZYK; LABARRIÈRE. In: Eckhart, 2004, p. XXV e XIV).

comparação entre as virtudes da caridade, humildade e misericórdia com uma nova virtude, que o autor chama de desprendimento. Sendo que nesta comparação o desprendimento é mais importante que as outras virtudes (caridade, humildade e misericórdia) pelos seguintes motivos:

Colocando o desprendimento acima do amor Eckhart diz:

(...), porque o melhor do amor é que ele me força a amar a Deus, enquanto o desprendimento força Deus a me amar. Ora é muito melhor eu fazer a Deus vir ao meu encontro do que eu me forçar a ir ao encontro de Deus” (2004, p. 4).

Eckhart também coloca o desprendimento acima da humildade:

(...) No entanto, eu tenho mais elogios para o desprendimento do que para humildade, e este é o motivo: a humildade pode existir sem desprendimento, mas não pode haver desprendimento perfeito sem humildade perfeita visa o aniquilamento do próprio eu. Ora, o desprendimento está tão próximo do nada que entre o desprendimento perfeito e o nada não pode haver nada. É por isso que o desprendimento perfeito não pode existir sem humildade. Mas duas virtudes são sempre melhores do que uma (2004, p. 6).

E por fim, Eckhart coloca o desprendimento acima da misericórdia, devido ao seguinte motivo:

Enalteço o desprendimento acima de toda misericórdia, uma vez que a misericórdia nada mais é do que o Homem sair de si mesmo para dirigir-se às misérias de seus semelhantes, o que acaba entristecendo-o. O desprendimento está livre disso permanecendo em si mesmo e não se deixando entristecer; na medida em que há algo que possa entristecer o Homem, há algo de errado com ele (...) (2004, p. 9).

Deste modo se têm o desprendimento, como uma virtude para Eckhart, não como superior as outras, mas acima deles porque o Homem

desprendido abre caminho para que todas as outras virtudes se manifestem nele, sendo que o Homem deve agir no decorrer de sua vida de maneira desprendida.

3 – Considerações finais

Deste modo Boaventura na parte IV de sua obra, o “Brevilóquio”, que trata sobre a encarnação do verbo (principalmente nos Capítulos VI, VII, IX e X) apresenta as virtudes da justiça nos Capítulos VII e VIII, da caridade no VII, e as teologais no X (fé, esperança e caridade), sendo que em Cristo essas virtudes estão presentes por ele ter uma vida de maneira reta e santa dando o exemplo para Homem de como é a vida perfeita e quais os preceitos que se deve adotar para que assim essa vida seja. Já Anselmo na sua obra “Cur Deus Homo”, onde o tema central da obra é a encarnação do verbo, também demonstra como Cristo teve uma vida reta e santa e a partir dessa vida também deu o exemplo para Homem de como viver, por isso também Anselmo diz que em Cristo se apresenta virtudes, neste caso se fala da virtude da justiça, no Capítulo IX do livro I, em sua obra onde a partir dessa o Homem para ser justo segue a verdade de maneira reta e nos capítulos X e XI, também do livro I, fala de como essa virtude é demonstrada na vida de Cristo para que este fosse ao encontro de Deus. Deste modo tanto em Boaventura como em Anselmo se tem uma relação da virtude com o Homem onde estas devem ser seguidas, aderidas pelo Homem para que este se reconcilie e se reencontre, com Deus. Logo, tanto em Boaventura como em Anselmo se tem o exemplo de Cristo, de uma vida virtuosa, exemplos esses que o Homem deve seguir. Assim se tem uma aproximação, semelhança, neste caso entre Boaventura e Anselmo no que se refere a uma vida, pelo exemplo de Cristo, que o Homem deve ter. Entretanto, em relação à Eckhart não se tem uma

distância que seja relevante sobre como a vida do Homem deve ser, porém a diferença, o foco, é outro em relação as virtudes, pois Eckhart deixa em segundo plano todas as virtudes, que como um todo os medievais exaltavam, e lança uma nova virtude, o “Desprendimento”, a qual o Homem deve ter em si, porque só com esta e a partir desta é que o Homem pode libertar-se (tanto do mundo interior, como do exterior) abrindo espaço para que as outras virtudes se manifestem, mas essa manifestação também não descarta o desprendimento, ele deve estar sempre presente.

Referências bibliográficas:

BAGNOREGIO, B. *Escritos Filosóficos: teológicos*. Tradução: Luis Alberto de Boni, Jerônimo Jerkovic. (Coleção Pensamento Franciscano). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CANTUARIA, A. de. *Porque Deus se fez Homem? (Cur Deus Homo)*. Tradução: Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2003.

ECKHART, M. *A mística de ser e de não ter*. Coordenação e introdução Leonardo Boff, O. F. M. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983.

_____. *O Homem Nobre*. Tradução e comentários: Osmar Schaefer e Agemir Bavaresco. Pelotas: Educat, 2004.

_____. *Sobre o Desprendimento e outros textos*. Introdução: Gwendoline Jarezyk e Pirre-Jean Labarrière (Breve encontros). Tradução: Médio Alto Alemão – Alfred J. Keller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Sermões Alemães: sermões 61 à 105*. Tradução e introdução: Enio Paulo Gianchini; Revisão de Tradução e glossário: Hemágenes Harada; Apresentação: Emmanuel Carneiro Leão. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006.

MERINO, J. A. *Historia de La Filosofía Franciscana*. Madrid: B.A.C., 1983.

MOJISCH, B. “Anselmo de Cantuária. Provas de Deus”. In: *Filósofos da Idade Média*, org: Theo Kobusch. São Leopoldo: Unsinos. 2005, pp 62-77.

VASCONCELLOS, M. L. C. “A Racionalidade da Encarnação”. In: *Teocomunicação* (PUCRS – impresso) v. 39, 2009, p. 07-21.